

Os Sistemas Suplementares e Alternativos de Comunicação

Desde seu início que data de março de 2001, o Centro de Reabilitação Uniban – C.R.U – da Fundação UNIBAN tem desenvolvido, entre outras atividades, um trabalho voltado à implementação de uma possibilidade de comunicação junto a seus alunos que não apresentam fala oralizada. O perfil desses alunos é o de crianças, adolescentes e adultos com distúrbios neuromotores, em sua maioria, a Paralisia Cerebral, entre outras patologias que têm como principal característica o déficit motor, responsável pela impossibilidade de produzirem a fala oralizada.

Entre os casos de PC, vamos encontrar desde um comprometimento motor leve, até bastante grave, de acordo com a lesão. A oralização poderá estar presente ou vir a se estabelecer, ainda que se apresente sempre marcada por características relacionadas ao tipo da lesão. Entretanto, em casos em que a gravidade motora é maior, o que se observa é uma impossibilidade em oralizar no caso desses sujeitos. Ocorre que o fato de não poder oralizar não exclui tais pessoas de uma relação com a linguagem, pois se o motor é limite para esse organismo, ele não é impeditivo dos efeitos da linguagem sobre essas pessoas. É o que sustento em minha dissertação de mestrado “Paralisia cerebral: a fala na escrita” (LAEL/PUCSP, 1999) ¹.

Assim, os alunos que não oralizam são atendidos na Clínica de Fonoaudiologia e introduzidos ao Picture Communication Symbols (PCS) ou aos símbolos Bliss, sistemas gráfico-visuais reunidos entre os Sistemas Suplementares e Alternativos de Comunicação.

O Bliss, elaborado por Charles K. Bliss entre 1942 e 1965, foi concebido como um sistema de escrita ideográfico e reúne algumas centenas de símbolos básicos que representam conceitos e podem ser agrupados para gerar novos símbolos, que, por sua vez, representam novos conceitos. Seus caracteres não correspondem aos sons de nenhuma língua falada e podem ser sequenciados para formar diferentes tipos de sentenças e

¹ Em minha dissertação de Mestrado “Paralisia Cerebral: a fala na escrita” (LAEL/PUCSP,1999 – disponível no site www.clinicadelinguagem.com.br) insisto que fala e oralização são instâncias distintas, pois o fato de não oralizar não exclui o PC de uma relação com a linguagem. Linguagem que pode ser aprendida a partir de outras modalidades de fala, como é o caso de S., sujeito de minha dissertação, que produz, com símbolos Bliss e escrita alfabética, o que eu chamei de uma “fala-escrita”. Referências de outros trabalhos de minha autoria podem ser encontrados em meu currículo Lattes/CNPq pelo nome do autor: Roseli Vasconcellos Sequeira Manoel.

expressar diferentes possibilidades gramaticais. Formas simples são utilizadas para tornar o desenho dos símbolos rápido e fácil.

O Picture Communication Symbols (PCS) reúne desenhos lineares em preto e branco, originalmente desenvolvidos por Roxane Mayer Johnson nos últimos 25 anos. O PCS é o sistema suplementar e alternativo de comunicação de maior alcance em termos mundiais, tendo sido traduzido para 44 línguas diferentes. Busca reunir símbolos simples, claros e de fácil reconhecimento.

Para alguns desses pacientes é possível que os símbolos sejam indicados diretamente, através do apontar, mesmo que esse apontar seja singular. Outros pacientes podem indicar símbolos indiretamente: através do olhar que leva o interlocutor a localizar determinado bloco de símbolos e através de respostas de sim e não convencionadas previamente e dadas pela criança, o interlocutor percorre, no bloco indicado, as colunas e uma vez indicada a coluna desejada, passa a percorrer cada símbolo da coluna até que um novo sim o leve a encontrar o símbolo eleito pelo paciente.

Uma vez eleito o sistema a ser introduzido ao paciente, pranchas de comunicação serão construídas em atendimentos de Fonoaudiologia, em sessões individualizadas. Os pais são envolvidos nesse trabalho desde o início, uma vez que um dos principais objetivos é que essa nova possibilidade de comunicação aconteça em todos os lugares que a criança frequenta. Além disso, em um momento inicial do trabalho fonoaudiológico com esses pacientes, os pais são solicitados a escrever relatos dos finais de semana da criança, a serem lidos em sessão e a partir dos quais serão eleitos símbolos que mais tarde passarão a compor uma prancha. Desta forma, a escolha dos símbolos que farão parte da prancha do paciente, serão eleitos por ele próprio, uma vez que o terapeuta pode captar no paciente movimentos, sorrisos e uma série de outros sinais de agrado e de desagrado que são deflagrados a partir da leitura desses textos e isso diz de uma identificação do paciente ali naquele texto e de suas preferências, afinidades, necessidades, como também diz daquilo que ele não gosta.

Este processo varia muito de acordo com as necessidades, dificuldades e potencial de cada paciente. Este trabalho também tem continuidade nas salas de aula, pois a Comunicação Suplementar e Alternativa (seus símbolos e outros recursos tecnológicos ou não) estão presentes nas estratégias de todas as salas de aula e das oficinas pedagógicas.